

Videoaula 1 – semana 6

O capítulo do samadhi

Patanjali começa a explicar o yoga pelo samadhi. Isto mostra a importância que o assentamento da mente tem para o yoga original. O samadhi é um estado em que a mente está tranquila, assentada, e tem seu comando entregue ao coração (ishvara).

Nesse estado somos capazes de alcançar o isolamento da percepção, que nos permite um vislumbre da verdade – que é o objetivo do Yoga (e assunto para o quarto capítulo dos sutras).

O *samadhi* é definido por Patanjali no capítulo III, sutra 3, como “tornar-se vazio de sua forma autêntica, e semelhante à natureza do objeto”, sugerindo que é um estado de percepção em que alcançamos uma perfeita isenção, de modo que não haja interferência de fatores externos nem internos em nossa apreensão mental.

Patanjali parte do pressuposto de que a mente pode funcionar bem (não perturbada) ou mal (perturbada), e que depende de nós conduzi-la para um estado permanente de não perturbação.

Esse primeiro capítulo detalha logo no seu início quais são as atividades da mente (*cittam*) projetadas no mundo manifestado, e afirma que o yoga é o recolhimento delas, de modo que “aquele que vê” (o eu profundo) possa se manifestar em sua natureza autêntica.

O recolhimento dessas atividades é possível através de uma prática que depende de duas condições indispensáveis: disciplina e desapego.

A seguir, Patanjali apresenta o sinal indicador do *samadhi*, o *samprajñata*. É uma experiência que é vivida conjuntamente com o *samadhi*, mas que é mais fácil de se perceber do que o próprio *samadhi*. Por essa razão pode ser utilizado como referência.

Note que inúmeros tradutores seguem um comentário de Vyasa, segundo o qual *samprajñata* é a designação de um tipo de samadhi. Nós preferimos dispensar esse comentário de Vyasa e traduzir *samprajñata*, pela própria lógica interna do texto, por “aquilo que é percebido junto” – ou seja, um sinal indicador de que o samadhi está se aproximando.

Ele pode surgir de diversas maneiras, inclusive na forma da entrega do comando da mente para a natureza espiritual [*purusha*]. Essa natureza

espiritual se apresenta para o indivíduo como “*ishvara*”, o Senhor, um referencial seguro da direção que se deve seguir.

Com isso a inteligência se recolhe para dentro e se dissolvem os nove obstáculos (limitadores): doença, apatia, dúvida, torpor, inatividade, desinteresse, divagação, realização imprópria e instabilidade. Todos eles apontam para um enfraquecimento da mente, por se afastar do comando do coração.

O assentamento da mente se percebe pela pelas forças que mobilizam a mente em diversas circunstâncias: **amizade** àquilo que nos traz conforto, **compaixão** pelo sofrimento, **alegria** com a virtude e **indiferença** com a maldade.

O praticante de Yoga se torna capaz de assentar sua mente num patamar superior de estabilidade, que se resolve no *samadhi*.

Para alcançar o *samadhi*, podemos fazer uma aproximação gradual, por um caminho no qual são construídas mentalmente as condições adequadas para o assentamento da mente no *samadhi*, que então é chamado “com semente”.

Mas há também o *samadhi* sem semente, que se obtém de forma imediata quando o praticante aprende a identificar aquelas condições ideais e a reproduzi-las sem a necessidade de um esforço mental consciente.